

[Visualizar no navegador](#)



março 2026

Entrevista do mês

Na newsletter de março, entrevistámos Ana Dagge e Cristina Carmona, anesthesiologistas e atuais presidentes, respetivamente, da Secção de Anestesia para Cirurgia de Ambulatório da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia (SPA) e da Secção de Anestesia da Associação Portuguesa de Cirurgia Ambulatória (APCA). Durante a conversa, as convidadas salientaram a importância da colaboração entre as duas secções para o estabelecimento de boas práticas clínicas, protocolos nacionais, formação e literacia em saúde no regime ambulatório.

"A colaboração entre as duas entidades levará à existência de mais, melhores e mais sólidos protocolos anestésicos nacionais, validados pela SPA e a APCA"



1. Em que consistem a secção de Anestesia da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia (SPA) e a secção de Anestesia da Associação Portuguesa de Cirurgia Ambulatória (APCA)?

Ana Dagge (AD): A Secção de Anestesia para Cirurgia de Ambulatório da SPA, constituída inicialmente por três anestesiológicas, foi criada em 2015, sob proposta de Vicente Vieira, que presidiu à primeira direção. Atualmente, é constituída por Ana Dagge (presidente / ULS de Matosinhos), Maria Teresa Monteiro (secretária / ULS de Coimbra), Ana Fonte (vogal / ULS Entre Douro e Vouga) e Helena Barbosa (vogal / ULS Gaia/Espinho).

Cristina Carmona (CC): A Secção de Anestesia da APCA foi criada em 2010, por Paulo Lemos, assinalando o envolvimento e compromisso da Anestesiologia com a Cirurgia Ambulatória (CA), numa associação multidisciplinar. Atualmente, a secção conta com oito anestesiológicas: Cristina Carmona (Presidente / ULS Amadora-Sintra), Ana Marta Pinto (ULS Sta. Maria da Feira), Cristiana Fonseca (ULS Alto Ave), Dinis Costa (ULS de Braga), Rita Borges (ULS Cova da Beira), Rita Pato (ULS Amadora-Sintra), Rosa Amaral (ULS Dão-Lafões) e Vicente Vieira (ULS de Braga).

2. Quais são os principais objetivos e atividades desenvolvidas?

AD: No nosso plano de ação, propusemo-nos a promover a discussão e partilha de experiências no âmbito da Anestesiologia para CA, assim como fazer parcerias com a APCA, por forma a apoiar a implementação de protocolos de atuação nacionais, a implementação de programas de melhoria de qualidade e a promover a literacia em saúde. Tentamos, assim, melhorar os conhecimentos da população em geral sobre as particularidades deste regime cirúrgico.

CC: Como principal propósito, destaca-se a consolidação e a evolução de programas de elevada qualidade no âmbito da CA nos hospitais públicos, privados e no setor social em Portugal. Pretende-se ainda inovar a prática anestésica para uma CA sem limites, adaptando-a a novos desafios: doentes com múltiplas comorbilidades, cirurgias de maior complexidade, *players* com um grau de exigência crescente garantindo a qualidade e a segurança dos cuidados prestados.

3. Qual o contexto/motivação da parceria e de que forma a colaboração entre as duas secções poderá expandir a CA em Portugal?

AD: A Secção de Anestesiologia para Cirurgia de Ambulatório da SPA mantém uma relação histórica e estreita com a APCA. Juntas, estas entidades ajudaram a influenciar as políticas de saúde pública em Portugal, através da criação de Unidades de Cirurgia Ambulatória (UCAs) e do apoio na regulação do seu funcionamento. A expansão da CA não se faz apenas com mais salas operatórias, mas com protocolos mais robustos que serão com certeza mais fáceis de implementar com uma parceria próxima entre as duas entidades.

CC: Ao contexto histórico, já referido, a Anestesiologia é uma especialidade médica claramente centrada na pessoa através dos seus pilares de intervenção (Perioperatório, Dor, Emergência e Doente Crítico), alinhando-se na perfeição com o percurso clínico em CA. Ao exposto, acresce a dimensão nacional, onde a sinergia entre as duas Secções se torna fácil e desejável, para transversalização das boas práticas, promoção e implementação de consensos nacionais robustos e sustentados de forma mais eficaz e eficiente, contribuindo indubitavelmente para o acesso e combate das assimetrias regionais ainda existentes.

4. Qual o impacto que esta colaboração poderá ter na prática clínica a nível nacional nas diferentes UCAs do país?

AD: A colaboração entre as duas entidades levará à existência de mais, melhores e mais sólidos protocolos anestésicos nacionais, validados pela SPA e a APCA. Com esta atividade não se pretende um mero exercício académico, mas antes continuar a fazer evoluir as UCAs para se afirmarem, no panorama nacional, como unidades de alta performance.

O impacto na prática diária dos profissionais e na segurança dos doentes deverá ser profundo e poderá manifestar-se em três eixos principais:

1. Segurança Clínica - Os protocolos garantem a redução do erro: protocolos claros (como os de jejum ou de profilaxia de náuseas e vômitos pós operatórios) funcionam como checklists mentais, reduzindo esquecimentos e complicações evitáveis.

2. Redução da Variabilidade - Sem protocolos nacionais, a qualidade dos cuidados será seguramente mais heterógena. A sua existência constituirá um referencial para que as UCAs possam exigir adequados recursos (materiais, profissionais e financeiros) e melhorar os mesmos cuidados.

3. Eficiência - Nas UCAs, o tempo é um recurso escasso. Protocolos nacionais de "Fast-Track" permitem uma gestão mais previsível do tempo.

CC: Subscreve-se na íntegra, ao que se acrescenta que a colaboração entre as duas entidades promoverá o debate interpares de temas menos consensuais e mitos anestésicos, incentivará a implementação de tecnologia e a sustentabilidade ambiental na CA, bem como a promoção e formação de consensos com outros *players* (cirurgiões, enfermeiros, gestores), o que contribui para a evolução e atualização das UCAs.

5. Que iniciativas foram já desenvolvidas no passado ou que poderão ser desenvolvidas no futuro, relacionadas com a formação e investigação, dirigidas para os jovens médicos?

AD: Poderemos, em parceria, promover a realização de cursos, workshops e webinars, desenvolvendo esta temática.

CC: Ambas as Secções participaram em palestras nos congressos da SPA e da APCA, visando as boas práticas anestésicas em CA. A Secção de Anestesia da APCA organizou formação em bloqueios ecoguiados dirigidos à CA. Este ano, ambas as Secções acabaram de aprovar "Recomendações para a Gestão Perioperatória do Adulto Diabético em CA", que será alvo de publicação na revista da SPA.

Para o futuro, as Secções poderão promover formação e investigação aos jovens médicos, pelas vias já enunciadas, na formação pré-graduada através de parcerias com faculdades e a Ordem dos Médicos, e na pós-graduada pelo debate e partilha de metodologias de ensino, como o recurso à simulação, com os anesthesiologistas com funções formativas em CA.

6. Que iniciativas promovem a educação e literacia dos doentes que sejam submetidos a uma anestesia/cirurgia em regime de ambulatório?

AD: A literacia em saúde em 2026 passa, inevitavelmente, por ferramentas digitais que possam acompanhar o doente e família. Poderemos, por exemplo, estimular a utilização das aplicações hospitalares onde o doente pode receber lembretes sobre o jejum.

Acreditamos que se deve apostar na Telemedicina. Consultas de Enfermagem ou de Anestesia por videochamada com vista ao esclarecimento de dúvidas antes do dia da cirurgia, aumentando a confiança do doente e família. De uma forma mais genérica, é importante aumentar a presença na nos meios de comunicação social, nomeadamente, na televisão, na rádio e nas redes sociais do tema "a cirurgia em regime de ambulatório".

A televisão é importante para desmistificar o medo da anestesia e realçar a segurança do processo. Os *talk shows* matinais são o espaço perfeito para chegar ao público

sénior explicando a dinâmica e demonstrando como é seguro e até mais seguro ser operado neste regime.

A rádio também tem o objetivo de chegar à população mais sénior. Por exemplo, sessões de perguntas e respostas onde os ouvintes podem telefonar para tirar dúvidas.

A presença da SPA e APCA nas redes sociais seria útil para chegar ao público em geral, particularmente às suas camadas mais jovens. Poderíamos criar podcasts de saúde sobre o regime de ambulatório.

CC: Subscreve-se a importância dos meios digitais. Tirar mais partido das televisões em salas de espera das instituições com vídeos informativos e testemunhos, podcasts informativos nas redes sociais e divulgação do uso da realidade virtual em CA, por exemplo.

7. Qual será o futuro para esta parceria entre as 2 sociedades?

AD: O trabalho em equipa aumenta o valor dos cuidados de saúde. Estamos convencidas que trabalharemos cada vez mais e de forma mais próxima. É nossa ambição fazer um estudo nacional estruturado (fotografia real das UCAs) com dados comparáveis sobre vários aspetos fundamentais para o sucesso deste regime. Estamos muito empenhadas em tentar otimizar e alargar o acesso a este tipo de regime mantendo e, quem sabe, até aumentar os padrões de segurança e qualidade.

CC: Se considerámos a abrangência crescente em número e variedade nosológica da CA em Portugal e no mundo, o futuro não tem limites, mas tem propósito e objetivos: ser uma referência a nível nacional em CA, que faça escola e desenvolva uma legado relevante nesta área, pelo trabalho regular, dedicado e complementar em equipa.



Ana Dagge



Cristina Carmona

**Siga as nossas notícias nas redes sociais e no
nosso website!**



You received this email because you are registered with APCA - Associação Portuguesa
de Cirurgia Ambulatória

[Unsubscribe here](#)

Copyright © 2026 APCA - Associação Portuguesa de Cirurgia Ambulatória
Todos os direitos reservados.